

Analizando alguns conflitos vivenciados por professores iniciantes.

Ana Luiza de Quadros (PQ), Abda Florência da Silva (FM), Adriana Michele Duarte de Almeida (IC), Helga Gabriele Aleme (IC), Mariele Teixeira Fonseca (IC), Rodrigo Ângelo Figueiredo (IC) e Valéria Alves da Silveira (IC) aquadros@qui.ufmg.br.

Departamento de Química – ICEX - UFMG

Palavras Chave: conflitos em sala de aula, formação de professores.

Introdução

Enquanto estudantes de licenciatura convivemos com várias propostas para uma mudança no ensino de Química, já que estamos cercados de inúmeras possibilidades para nos sentirmos motivados a fazer um ensino melhor do que o que tivemos. Isso se deve, talvez, ao fato de que, na esfera da universidade, o professor-aluno está envolto em estudos e discussões de teorias contemporâneas desenvolvidas pelos pensadores em educação e, algumas vezes, com esses próprios pensadores.

Ao analisar estas propostas, discutimos como o aprendizado deve contribuir para a formação de cidadãos capazes de participar ativamente e criticamente da sociedade em que estão inseridos, de modo a melhorar sua qualidade de vida e desenvolver um senso crítico sobre determinadas situações.

Enquanto alunos, parece-nos simples chegar na sala de aula e envolver os alunos naquilo que tanto gostamos: a Química. Por outro lado, temos percebido que, ao ingressar no mundo de trabalho, os professores deparam com situações desmotivadoras. Este trabalho foi realizado com o objetivo de conhecer os conflitos e dificuldades que os professores encontram no início de seu trabalho. Entrevistamos oito professores em início de carreira, sendo seis do sexo feminino e dois masculinos. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas e analisadas.

Resultados e Discussão

Todos os entrevistados iniciaram as atividades de professor em escolas públicas. Destes, sete são professores de Química e um leciona a disciplina de Física. Na data das entrevistas, três deles estavam completando trinta meses de trabalho como professor; um deles vinte e quatro meses, três outros com 18 meses e o que possuía menos tempo de serviço estava com 14 meses de trabalho.

Pela análise das entrevistas percebemos que todos os entrevistados passaram por situações conflituosas.

O relacionamento inicial com os alunos foi uma das principais dificuldades, principalmente quando esse aluno tinha alguma característica que o destacava na turma. Lidar com o “estranho” mostrou ser uma prática não habitual.

Outro conflito que se mostrou importante refere-se ao pouco interesse do aluno e à dificuldade dos mesmos em aprender. O professor se sente frustrado por não ser capaz de convencer os alunos da importância dos saberes presentes na sua disciplina. Ao que nos parece, existe uma dificuldade em entender o universo do aluno, a falta de perspectiva que ele tem com a educação que recebe e, principalmente, o que este aluno busca na escola e nas disciplinas que compõe o currículo escolar.

As condições de trabalho também apareceram nas descrições do trabalho desses professores. A falta de apoio das direções escolares e dos setores pedagógicos das escolas, associado ao distanciamento dos cursos de formação, colocam o professor numa espécie de isolamento. Eles sentem-se despreparados e, na maioria das vezes, não têm a quem recorrer. Alguns dos entrevistados alegaram que não tinham preparação para lidar com situações “estranhas”

Dos professores entrevistados, um deixou a carreira e decidiu por uma outra área. Os que permaneceram descrevem que, atualmente, conseguem lidar melhor com as situações. Porém, mesmo entre esses, alguns falam em procurar outra profissão, se não logo, mais futuramente.

As frustrações e ansiedades decorrentes das dificuldades encontradas no processo de iniciação de determinados professores revelam a singularidade e a difícil consolidação do ser profissional, diante de uma formação que os deixa inseguros.

Conclusões

A partir dos relatos analisados pode-se perceber que o professor exerce uma atividade muito solitária, pois não há acompanhamento efetivo nem de coordenações, nem das instituições que o formaram. Também não há grupos de estudo e/ou discussão sobre o trabalho escolar. Pode-se inferir, também, que o professor, ao defrontar-se com situações para as quais não estava preparado, pode estar se voltando à abordagens mais tradicionais, com o intuito de “ocupar” mais os alunos.

Parece-nos que, ao chegar à escola, os professores tinham a concepção de que ensinar era uma tarefa relativamente fácil, agradável e prazerosa. Mas diante dos conflitos vivenciados, alguns deles passaram a considerar a tarefa de ensinar extremamente árdua. Reiteramos que a formação se dá, também, na

prática. Os professores, ao buscarem soluções para os seus conflitos, estão direcionando o próprio trabalho.